



“Como se mantém um patrimônio feito por gente?”: Mestra jongueira Noinha e o jongo enquanto patrimônio cultural imaterial em Campos dos Goytacazes - RJ

Tarianne da Silva Pinto Bertoza, Lilian Sagio Cezar, Maria Clareth Gonçalves Reis

A presente comunicação tem por objetivo refletir sobre o jongo enquanto patrimônio cultural de natureza imaterial em Campos dos Goytacazes - RJ, verificando as estratégias traçadas para salvaguardar um patrimônio que é feito de/por pessoas, considerando as desigualdades sociais e raciais existentes. O jongo é uma expressão cultural de resistência, originária da região Sudeste e fruto da experiência colonial calcada economicamente no escravismo e no plantio da cana-de-açúcar e café. Com fortes raízes negras, tem como seus protagonistas originários as pessoas escravizadas no processo de diáspora africana e posteriormente seus descendentes, permanecendo presente nas camadas populares que, ainda na atualidade, lutam por melhores condições de vida diante do quadro de desigualdades existente. Interessa-nos investigar localmente se ocorre a percepção da salvaguarda do jongo enquanto conjunto de medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, incidindo sobre a melhoria das condições de vida das pessoas que o praticam. Para traçar este caminho investigativo realizaremos revisão bibliográfica especializada e utilizaremos metodologia qualitativa na condução de entrevista narrativa pautada na utilização de fotografias como acionadoras de memória, priorizando as lembranças e experiências da mestra jongueira Geneci Maria da Penha, conhecida como Noinha, que possui seu jongo reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN como patrimônio cultural de Campos dos Goytacazes - RJ. Sendo a trajetória de vida da mestra jongueira Noinha relacionada à luta da população negra por direitos, buscamos investigar o protagonismo feminino dessa mestra jongueira, negra, residente em um bairro periférico da cidade, cuja família pertence à religiosidade de matriz africana, mais especificamente a Umbanda, ressaltando as articulações político-culturais de demandas materiais e simbólicas através do jongo, refletindo inclusive sobre a sua relação com a universidade. Ressaltamos que esta pesquisa se insere nas atividades do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da UENF, pela atuação com a temática que é exigida neste projeto.

Palavras-chave: Política Social, Cultura, Jongo, Patrimônio Imaterial

Instituição de fomento: UENF